

O SILENCIAMENTO DA CAPOEIRA E O RACISMO RELIGIOSO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (PARTE I)

DRA. PAULA CRISTINA DA COSTA SILVA

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Professora do Centro de Educação Física e Desportos da
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

DRA. ANA CAROLINA CAPELLINI RIGONI

Doutora em Educação Física e Sociedade pela
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Professora do Centro de Educação Física e Desportos da
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

DR. GIULIANO PABLO ALMEIDA MENDONÇA

Doutor em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu – USJT
Professor da Rede Estadual de Ensino do Estado da Bahia e da
Rede Municipal de Ensino do Município de Jaguaquara – BA

DRA. ELIANA DE TOLEDO

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC
Docente e coordenadora do Curso de Ciências do Esporte da Faculdade de
Ciências Aplicadas da Universidade Estadua de Campinas – FCA/UNICAMP

Resumo | Ainda no século XXI, muitos têm sido os desafios para implementar e desenvolver a Capoeira no ambiente escolar. O objetivo deste ensaio é refletir sobre a empreitada de grupos evangélicos fundamentalistas na tentativa de silenciar a Capoeira na escola e nas aulas de Educação Física, bem como, refletir sobre as possibilidades de resistência. A partir de uma escrita com aporte bibliográfico, e com uma perspectiva crítico-reflexiva, apresentamos diferentes pesquisas que tratam do tema e que geram reflexões sobre os desafios postos no trato dessa manifestação cultural na escola a

partir do preconceito gerado por questões religiosas. Assim, mobilizamos o conceito de “racismo religioso” para adensar o debate, ênfase da parte 1 deste artigo.

Palavras-chave | Capoeira; Religião; Educação Física escolar

THE SILENCING OF CAPOEIRA AND RELIGIOUS RACISM IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION CLASSES (PART I)

Abstract | Still in the 21st century, there have been many challenges to implement and develop Capoeira in the school environment. The purpose of this essay is to reflect on the work of fundamentalist evangelical groups in an attempt to silence Capoeira at school and in Physical Education classes, as well as to reflect on the possibilities of resistance. Based on writing with bibliographical support, and with a critical-reflective perspective, we present different research that deals with the topic and that generate reflections on the challenges posed in dealing with this cultural manifestation in schools based on prejudice generated by religious issues. Thus, we mobilized the concept of “religious racism” to deepen the debate, emphasis in part 1 of this article.

Keywords | Capoeira; Religion; School Physical Education

EL SILENCIAMIENTO DE LA CAPOEIRA Y EL RACISMO RELIGIOSO EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR (PARTE I)

Resumen | Todavía en el siglo XXI, ha habido muchos desafíos para implementar y desarrollar la Capoeira en el ambiente escolar. El objetivo de este ensayo es reflexionar sobre el trabajo de grupos evangélicos fundamentalistas en un intento de silenciar la Capoeira en la escuela y en las clases de Educación Física, así como reflexionar sobre las posibilidades de resistencia. A partir de un escrito con una contribución bibliográfica, y con una perspectiva crítico-reflexiva, presentamos diferentes investigaciones sobre el tema que generan reflexiones sobre los desafíos del enseñanza de esa manifestación cultural en la escuela a partir del prejuicio generado por las cuestiones religiosas. Así, movilizamos el concepto de “racismo religioso” para profundizar el debate, énfasis en la parte 1 de este artículo.

Palabras clave | Capoeira; Religión; Educación Física escolar

INTRODUÇÃO

A Capoeira¹ é uma manifestação cultural multifacetada, advinda de uma herança escrava e negra (Mendonça, 2013; Soares, 1998). Considerada como bem imaterial e forte símbolo nacional, sua presença na escola é essencial para a compreensão da história do nosso povo. Por isso, e por consequência de todo o processo discriminatório sofrido pelos negros no Brasil, e buscando dar visibilidade aos conteúdos advindos de matrizes africanas, foi promulgada a Lei 10.639/03 (Brasil, 2004), que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica, contemplando, por conseguinte, a Capoeira.

Autores como Silva *et al.* (2015), Pinto; Silva; Silva (2016), entre outros, vêm discutindo a inserção da Capoeira nas aulas de Educação Física Escolar (EFE), embora, no campo acadêmico, sua presença como conteúdo escolar já seja um consenso, estando presente, inclusive, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017). No entanto, a Capoeira parece ainda não ser difundida na escola, nem como um conhecimento interdisciplinar e nem como conteúdo da Educação Física (EF). Num modelo de escola historicamente pautado em conteúdos eurocêntricos e/ou norte-americanos, os currículos escolares têm negligenciado parte de nossa identidade e história e reproduzindo o racismo estrutural (Oliveira, 2017).

Silva (2009, p. 25) considera a Capoeira como uma “manifestação cultural que se configura como um misto de luta, dança, brincadeira, teatralização, jogo, esporte e expressão corporal [...]”. Nessa concepção a pluralidade da Capoeira está presente potencializando diálogos com outras áreas e componentes curriculares. Tal concepção, no entanto, adaptada para o contexto escolar, não considera efetivamente os sentidos religiosos, muitas vezes atrelados a ela.

1. Optamos por utilizar a palavra Capoeira com a letra inicial maiúscula, por considerá-la uma manifestação da cultura corporal, com história, gestualidades e saberes singulares, estudados pelo campo científico.

Esta negação dos sentidos religiosos é parte de um processo de “culturalização” de práticas religiosas que, segundo Silva (2017), consiste em substituir o termo “religião” por “cultura”, eliminando o que se tem de “mágico e religioso” para facilitar a legitimação destas práticas e identidades. No caso da Educação Física Escolar (EFE), podemos citar um processo semelhante, por via da “esportivização”, como evidencia a etnografia realizada por Pereira (2019), demonstrando tentativas de “esportivizar” a manifestação como forma de lidar com a intolerância religiosa presente no cotidiano escolar.

No entanto, por mais que ao longo das últimas décadas, alguns grupos tenham advogado pela legitimação da Capoeira como “cultura” ou “esporte”, e não como religião, ela aparece, inevitavelmente atrelada à religiosidade (Cid, 2017), pois os elementos religiosos que se amalgamaram ao imaginário da Capoeira influenciam seu entendimento.

Também por isso, para uma camada cada vez maior de pessoas vinculadas às diversas denominações evangélicas pentecostais e neopentecostais, a Capoeira é associada às religiões de matriz africana e, portanto, para elas, considerada como magia e “coisa do diabo”. Pesquisas como as de Rigoni (2009), Rigoni e Prodócimo (2013), Silva (2009), Silva e Silva (2009), Barbosa (2013), Mendonça (2013); Meinerz; Barbosa (2016) constataram que estudantes, membros de famílias evangélicas, são proibidos de participar desta e de algumas outras manifestações da cultura corporal, pois elas “contrariariam” seus preceitos religiosos.

Há um contexto de crescimento evangélico significativo (IBGE, 2010), inclusive na ampliação da participação de lideranças evangélicas na esfera pública e político partidária. Ademais, o contexto sociopolítico recente tem produzido e alimentado o que alguns grupos denominam de intolerância religiosa², que assumiremos por racismo religioso, por

2. Para a autora (MIRANDA, 2021, p. 20) “... a intolerância religiosa envolvendo as religiões afro deve ser entendida como uma categoria que expressa experiências em situações de vitimização por preconceito e discriminação, provocada por um pertencimento identitário – étnico-racial e religioso –, e que acontece, principalmente, devido ao crescimento de conflitos envolvendo grupos de perfil evangélico-pentecostal”.

acreditar, que o primeiro termo não traz a dimensão da violência com a qual as religiões de matriz africana têm sido tratadas.

Miranda (2021) afirma que já se pode concluir que a intolerância contra os “povos de terreiro” tem relação direta com a presença de grupos evangélicos pentecostais na esfera pública, que se utilizam da ideia de liberdade religiosa como uma ação sem restrições, a ponto de acreditarem que podem investir sobre a liberdade dos outros. Neste sentido, segundo ela, houve um esgotamento da expressão “intolerância religiosa” e os grupos afro-religiosos passaram a reivindicar a categoria “racismo religioso”, em função do agravamento dos conflitos envolvendo os terreiros de matrizes africanas em todo o país.

Ainda de acordo com a autora o termo racismo religioso vem como um contraponto político à intolerância religiosa. Esta por sua vez, é considerada pelos militantes afrodescendentes como uma concepção liberal, de fundamento cristão, que reitera o racismo brasileiro camuflado pelo discurso da “democracia racial” invisibilizando as ações preconceituosas de vários tipos sofridos pelos povos de terreiro. Para Miranda (2021, p. 33):

Essa invisibilidade é compreendida como uma tática do racismo estrutural (Almeida, 2018) de negar a existência das discriminações, mesmo quando há uma infinidade de denúncias, e mesmo havendo legislação e instituições funcionando, quase nada se faz para interromper as violações ou transformar as relações.

Para Camurça e Rodrigues (2022), o termo expressa o racismo estrutural³ voltado às expressões africanas vigentes, e, citando Flor do Nascimento, apontam que as religiões afro-brasileiras são muito mais que religiões, são modos de vida marcados pela ancestralidade e pluralidade de grupos escravizados da África⁴. No racismo religioso, o que é recusado

3. De acordo com Almeida (2019) todo o racismo é estrutural, uma vez que é um elemento que integra a organização política e Econômica da sociedade. Para saber mais sobre o tema recomendamos a leitura de “O que é racismo estrutural?” (Almeida, 2019).

4. Para se compreender mais sobre ancestralidade e cultura oral africana recomendamos a leitura de Barros; Pederiva (2018).

não é a religião em si, mas o “modo de vida negro”, expresso em práticas que transcendem o terreiro, como é caso da Capoeira.

Partindo do princípio de que os “povos de terreiro” sempre sofreram represália e preconceito, compreendemos que a Capoeira (equivocadamente ou não), associada a estes grupos religiosos, é afetada por este racismo, que se desdobra das relações sociais em geral, para as relações escolares. Neste sentido, respaldados por situações relatadas em estudos como os de Rigoni (2009), Rigoni e Prodócimo (2013), Silva (2009), Mendonça (2013) e Pereira (2019) por exemplo, partimos do pressuposto de que há uma tentativa de silenciamento da Capoeira nas escolas por parte de grupos evangélicos.

A partir deste argumento central, o objetivo deste ensaio (publicado em duas partes) foi analisar esta empreitada de grupos evangélicos fundamentalistas na tentativa de silenciar a Capoeira, bem como refletir sobre as possibilidades de resistência que, ao contrário da repressão, possibilitem a expressão, que ao invés do silenciamento, sejam ouvidos e respeitados o “som” dos instrumentos, dos gestos, das memórias ancestrais do povo negro, que constituem a memória e história de TODOS nós.

CAPOEIRA, ANCESTRALIDADE E RELIGIOSIDADE

Apesar de algumas dissonâncias na reconstrução da história da Capoeira, é consenso que ela surgiu no Brasil com a chegada dos negros africanos escravizados. Segundo Pires (1996, 2001) e Soares (1998), os documentos sobre as origens da Capoeira apontam para uma manifestação que à princípio, na 1ª metade do século XIX, se apresentava como uma prática presente entre os escravizados negros e que, a partir da 2ª metade do século XIX, observou-se a diversificação de seus praticantes a saber: pessoas escravizadas, imigrantes e trabalhadores, notadamente no Rio de Janeiro, um ambiente urbano, capital do Império e, posteriormente, da República do Brasil.

Entretanto, foi na Bahia, no início do século XX, que as marcas da africanidade se tornaram mais evidentes. Se diferenciando de qualquer

outro lugar do país, determinando todo um “jeito de ser”, com seus gestos, musicalidade, linguagem e religiosidade, a Capoeira se constituiu em Salvador e no recôncavo baiano com uma forma muito própria, tornando-se referência para todo país (Abib, 2004).

Este fenômeno de afirmação identitária, no entanto, sofreu influências advindas da EF visando sua legitimação social (Silva, 2002). O fenômeno da “esportivização”, iniciado no início do século XX, tinha o intuito de adaptar a Capoeira para que as classes dominantes e brancas da sociedade pudessem praticá-la (Pellegrini Filho, 2009).

As influências dos métodos europeus de ginástica (1920 a 1950) e do Método Desportivo Generalizado (Betti, 1991; Toledo, 2018) fortaleceram esse movimento de esportivização. Assim, a Capoeira vai se diversificando e, num movimento paradoxal, ela vai, por um lado, perdendo alguns de seus traços históricos e característicos fundantes e, por outro lado, ganhando força e legitimidade no cenário nacional.

Neste processo, o Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado), teve grande influência, afinal ele foi o primeiro a conseguir um alvará de licença para o funcionamento de sua escola de Capoeira, em 1937 (Rego, 1968). Com a instauração do Estado Novo e uma política de valorização do “nacional”, a Capoeira foi descriminalizada passando por um processo de reinvenção de suas tradições (Reis, 1997).

A vinculação de seus mestres fundadores com as práticas afro-brasileiras é um aspecto importante. Mestre Bimba foi ogã de terreiro de candomblé (espécie de patrono honorário) e uma de suas esposas era ialorixá (sacerdotisa do candomblé), denotando, assim, toda sua ligação com práticas religiosas africanas (Silva, 2002). Do mesmo modo, Mestre Pastinha afirmava que a Capoeira é fruto de um processo interétnico que, assim como as danças de origem africana, o candomblé e o batuque, ela se desenvolve num ambiente marcado pela escravidão (Tavares & Silva, 2019).

Por isso, para Carvalho e Oro (2018), as práticas e os valores da Capoeira possuem relação direta com a religiosidade afrocêntrica, e o afastamento das origens e características religiosas levaria à sua descaracterização. Para eles, no universo da Capoeira há uma grande abertura

para múltiplas religiosidades, lembrando-nos que diversos elementos de um catolicismo popular (referências a São Bento, São Benedito, canções, uso de medalhas) ocupam lugar de destaque também nesse universo.

Outro componente fundamental da Capoeira é a mandinga, considerada como principal arma de defesa e ataque de seus praticantes. Ela é muito observada nas músicas entoadas nas rodas, no jeito do jogador, na forma de aplicar os golpes (Dias, 2004). A mandinga, como fator mítico-religioso, se mostra intimamente ligada à Capoeira. Como afirma Sodré (2002), o verdadeiro capoeirista tem habilidades mágicas para se proteger. Ele tem a proteção de seus entes (orixás, lunduns, etc.) e precisa praticar uma religião afro-brasileira para ter proteção espiritual. Do mesmo modo Abib (2004) afirma que na Capoeira a mandinga carrega algo sagrado que mantém o vínculo do jogador com o mistério das religiões afro-brasileiras. E é na roda de Capoeira que se processa todo este ritual.

Mas, ainda que as religiões de matriz africana tenham sempre estado presentes entre os capoeiristas foi apenas recentemente que esta religiosidade foi valorizada como “etnopolítica” afrodescendente (Carvalho e Oro, 2018). É importante ressaltar que, para estes autores, a religiosidade africana foi um elemento fundamental na constituição da identidade afrodescendente, cuja origem foi reforçada por elementos culturais como a Capoeira. Portanto, mesmo com um movimento de distanciamento gradual entre as duas práticas, o imbricamento entre a afrorreligiosidade e a Capoeira durante os séculos XVIII e XIX é uma evidência.

É desta relação que as concepções de ancestralidade se tornam fundamentais à cosmo visão afro-brasileira. Oliveira (2017) e Machado; Araújo (2015), demonstram que a Capoeira está estruturada na noção de ancestralidade e que esta, por sua vez, é fundamentada na noção de sagrado. Segundo Machado; Araújo (2015), a concepção de educação, para as populações africanas, está associada a ideia de “tornar-se pessoa”. Eles explicam que o ensino da Capoeira está intimamente ligado à formação humana e a um senso de responsabilidade consigo mesmo, com o outro, com a comunidade etc. Nesta leitura, o corpo é considerado lugar

sagrado, de força que se mantem e se transmite a partir da relação com os ancestrais e descendentes, de forma ritualizada.

A ancestralidade, portanto, se relaciona com a busca de reconstrução de uma história negada. O que mantém o grupo e os sujeitos ligados a esta história é a repetição frequente do ritual, ficando mais evidente a relação entre Capoeira e religião. É preciso mencionar, no entanto, que este não é um fenômeno que permaneceu constante na prática da Capoeira. Pelo contrário, ao longo de seu desenvolvimento, entre os inúmeros deslocamentos simbólicos, esta conexão com a ancestralidade foi se perdendo na dinâmica cotidiana, por uma série de interesses de diferentes setores sociais.

Se por um lado há, recentemente, a reaproximação dos valores afro religiosos e ancestrais, vemos outro tipo de afastamento/apropriação pela própria via religiosa, nos movimentos conhecidos como *Capoeira cristã* ou Capoeira gospel. Estes movimentos buscam eliminar os elementos afrorreligiosos e introduzir elementos da ritualística evangélica.

Esta “cultura do gospel”, já estudada por Cunha (2007), diz respeito a um processo de reapropriação de coisas consideradas “mundanas” por meio da adaptação. “Gospelizar” significa “tornar evangélico”. Trata-se de uma forma que os grupos protestantes históricos encontraram de se adaptar à modernidade e tem início com a música gospel. O fenômeno se popularizou de tal forma que o nome gospel se espalhou a ponto de lojas de roupas gospel, zumba gospel e até práticas intimamente relacionadas a uma religião tão combatida pelos evangélicos, a Capoeira gospel.

Uma vez ressignificada como gospel, a Capoeira, que antes era considerada “mundana”, passa a ser aceita e permitida. Num movimento que parecia improvável, os evangélicos encontraram justificativas para manter quase tudo da Capoeira tradicional, mas adaptando seus sentidos, como por exemplo, utilizando citações bíblicas para o uso dos tambores (Sá, 2018). Segundo o mesmo autor, eles substituem os cantos que fazem menção ao candomblé e aos santos católicos por louvores de suas denominações religiosas. Mas todos eles tocados no ritmo cadenciado do berimbau e dos atabaques.

Segundo Sá (2018), para o jogador tradicional, é um equívoco acreditar que o elemento religioso da Capoeira está somente na música, uma vez que esta é uma prática que foi criada por pessoas para as quais tudo na vida tinha profunda ligação com o sobrenatural (sagrado). De todo modo, a principal crítica apontada pelo autor, é que não se trata de uma simples substituição de uma espiritualidade por outra, mas da crença da superioridade de um grupo (fundamentalista) sobre outro, que alimenta preconceitos e descaracteriza a Capoeira. Os evangélicos a transformaram numa plataforma de proselitismo religioso.

É importante mencionar que esta apropriação da Capoeira, mesmo como prática gospel, não é aceita de modo consensual entre todos os evangélicos. Há uma disputa interna entre os grupos e muitos deles, não tão afeitos a este movimento de flexibilização dos costumes, rejeitam sua prática.

De todo modo, toda esta reflexão nos leva a compreensão de que os “esforços” da escola e da EF para eliminar (equivocadamente) o que tem de religioso na Capoeira, por meio dos movimentos de esportivização e culturalização, não são suficientes para que os estudantes vinculados às igrejas mais conservadoras aceitem sua prática e presença na escola.

REFERÊNCIAS

ABIB, P. R. J. **Capoeira Angola**: cultura popular e o jogo de saberes na roda. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2004.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BARROS, D., PEQUENO, S.; PEDERIVA, P. L. M. Education in the oral tradition of the African matrix in Brazil: Ancestry, resistance and human constitution. **Education Policy Analysis Archives**, Arizona, n. 26, v. 91, p. 1 – 35, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.14507/epaa.26.3518>. Acesso em: 11 dez. 2023.

BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 20 dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília/DF: MEC/SEPPPIR, 2004.

CAMURÇA, M.; RODRIGUES, O. S. O debate acerca das noções de “intolerância religiosa” e “racismo religioso” para a compreensão da violência contra as religiões afro-brasileiras. **Revista OQ**, Salvador, n.6, p. 05 -30, jan. 2022. Disponível em: kn.org.br/oq/wp-content/uploads/2022/02/Revista-OQ-n.6-Jan-2022-final.pdf#page=7. Acesso em: 07 jan. 2024.

CARVALHO, E. T.; ORO, A. P. Religiosidade e afrocentricidade na capoeira angola de Porto Alegre (RS). **Ciências Sociais**, São Leopoldo, n. 54, v. 1, p. 37-48, 2018. Disponível em: [93860389004.pdf \(redalyc.org\)](http://93860389004.pdf(redalyc.org)). Acesso em: 07 jan. 2024.

CID, G. da S. V. Notas sobre a religiosidade no imaginário da capoeira. **Revista Calundu**, Brasília, n. 1, v. 2, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v1i2.7632>. Acesso em: 07 jan. 2024.

CUNHA, M. N. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

DIAS, A. A. **A malandragem da mandinga: o cotidiano dos capoeiras em Salvador na República Velha (1910-1925)**. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/default_caracteristicas_religiao_deficiencia.shtm. Acesso em: 06 jun. 2023.

MACHADO, S. A. M.; ARAÚJO, R. C. Capoeira angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora. **Horizontes**, Itatiba, n. 33, v. 2, p. 99-112, 2015.

Disponível em: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v33i2.256>. Acesso em: 27 jun. 2023.

MENDONÇA, G. P. A. **Capoeira na escola: análise e reflexões acerca de sua legitimação nas aulas de Educação Física das escolas estaduais da DIREC 13 – Jequié- Bahia**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2013.

MIRANDA, A. P. M. A “política dos terreiros” contra o racismo religioso e as políticas “cristofascistas”. *Debates do NER*, Porto Alegre, n. 21, v.40, p.17-54, ago./dez., 2021.

OLIVEIRA, R. S. de. **A cor da fé: “identidade negra” e religião**. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PELLEGRINI FILHO, A. **CAPOEIRA**. Da senzala às Olimpíadas? **Rosa dos Ventos**. Caxias do Sul, n. 1, v. 0, p. 1-11, 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/357/296>. Acesso em: 07 jan. 2024.

PEREIRA, V. O. A capoeira e a escola: um olhar etnográfico. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 279-303, jan./abr. 2019. Disponível em: 552159357004.pdf (redalyc.org). Acesso em: 07 jan. 2024.

PINTO, L. G. S., SILVA, P. C. C.; SILVA, J. A. A Capoeira e suas possibilidades de ensino. *In*: A. C. MORAES; A. O. DA ROCHA; P. C. C. SILVA (org.). **Educação integral no Espírito Santo: contribuições para a arte do corpo e do espaço**. Vitória: GM Gráfica & Editora. v. 2, 2016, p. 145-158.

PIRES, A. L. C. S. **A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

PIRES, A. L. C. S. **Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890 – 1950)**. 2001. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

REGO, W. **Capoeira angola: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Lux, 1968.

REIS, L. V. S. **O mundo de pernas para o ar: a Capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher, 1997.

RIGONI, A. C. C. Corpo feminino e religião: implicações para a educação física escolar. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 10, n. 15, p. 170 – 182, 2009. Disponível em: <http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoe-percepcao/viewarticle.php?id=302&layout=abstract>. Acesso em: 20 jun.2023.

RIGONI, A. C. C.; PRODÓCIMO, E. Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 227-243, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892013000100017>. Acesso em: 07 jan. 2024.

SÁ, M. A. F. A relação capoeira e religião –uma reflexão sobre antigos e novos tempos de uma arte que é marcial. **Último Andar**, São Paulo, n. 32, p. 56–69, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1980-8305.2018i2p56-69>. Acesso em: 07 jan. 2024.

SILVA, P. C. C. **A Educação Física na roda de Capoeira: entre a tradição e a globalização**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

SILVA, P. C. C. **O ensino-aprendizado da Capoeira nas aulas de educação física escolar**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) -Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SILVA, P. C. C., AYOUB E., PINTO, L. G. S.; MATSUMOTO, M. H. O ensino-aprendizado da capoeira nas aulas de Educação Física: diferentes contextos, novas possibilidades. In: A. S. MELLO; O. SCHNEIDER (org.). **Capoeira: abordagens socioculturais e pedagógicas**. Curitiba: Appris, 2015, p. 104-126.

SILVA, J. E.; SILVA, C. A. F. Educação física, folclore e religião: relações e interferências. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 20, n. 4, p. 555-567, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v20i4.6323> Acesso em: 07 jan. 2024.

SILVA, V. G. da. Religião e identidade cultural negra: afro-brasileiros, católicos e evangélicos. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 56, 2017. DOI: 10.9771/aa.v0i56.22524. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/22524>. Acesso em: 07 jan. 2024.

SOARES, C. E. L. **A capoeira escrava no Rio de Janeiro - 1808-1850**. 1998. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

SODRÉ, M. **Mestre Bimba: corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

TAVARES, L. C. V.; SILVA, R. M. **Invenção da capoeira, anotações e estudos**. Aracaju: IFS, 2019.

TOLEDO, E. Notas sobre o papel das demonstrações ginásticas na Europa e no Brasil – reflexões sobre a ginástica para todos. *In*: M. A. C. BORTOLETO; E. PAOLIELLO (org). **Ginástica para todos** – Um encontro com a coletividade. Campinas: Unicamp, 2018, p. 87-110.

Contato autora principal:
letpau13@gmail.com